

EDITORIAL

Beleza e utilidade

Na prática, ocorre apenas uma transferência de endereço e, conseqüentemente, de problemas. De nada adiantam prédios bonitos se não houver médicos...

Bonito por fora, vazio por dentro. A frase estava em cartaz escrito por acadêmico da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), que participou de protesto ontem para cobrar mais estrutura para o curso de Medicina. Essa reivindicação remete à realidade de vários prédios públicos entregues como benefícios à população, mas que acabam tornando-se "presentes de grego" caso não haja a previsão de investimentos para melhorar o atendimento. Afinal, para que a população possa usufruir de novos postos de saúde, Centros de Educação Infantil, universidades ou hospitais é indispensável a contratação de profissionais e compra de equipamentos para garantir o efetivo funcionamento dos novos espaços.

O ideal seria que, na previsão orçamentária, já constassem os recursos que serão necessários para equipamentos, móveis e contratações. Estudantes esperaram anos pelo campus da UEMS em Campo Grande. Durante 15 anos, foram usadas salas alternativas em escolas estaduais. Não há dúvida de que se trata de investimento necessário. Na construção dos sete blocos da universidade, os gastos chegaram a R\$ 47 milhões e a novidade foi a implantação do curso de Medicina. Entretanto, os cálculos dos investimentos - resultantes de empréstimo feito junto ao BNDES - precisariam ter contemplado também a estruturação necessária para garantir formação de qualidade aos novos acadêmicos, o que inclui materiais, laboratórios, livros e mais professores. Papel que precisará ser assumido pela atual gestão estadual, que herdou as parcelas do empréstimo já previstas na dotação orçamentária, mas também a missão de garantir estrutura ao novo curso.

Não se trata de caso isolado. Temos vários prédios prontos, inaugurados com toda pompa, mas que não atendem às expectativas da população justamente porque os investimentos limitam-se às obras. Exemplo mais contundente são as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), executadas com recursos federais. Na prática, ocorre apenas uma transferência de endereço e, conseqüentemente, de problemas. De nada adiantam prédios bonitos se não houver médicos para atender os pacientes. Os recursos que, inicialmente, representam benefícios, acabam transformando-se em "bomba" para os gestores, que não contam com dinheiro suficiente para comprar novos equipamentos e nem contratar mais profissionais. Ainda mais em tempos de crise.

Hoje, na saúde pública da Capital, falta o básico: desde seringas até medicamentos. Utopia acreditar que o recurso do Sistema Único de Saúde (SUS) será suficiente para cobrir os procedimentos executados. Somam-se a essa deficiência os problemas de gestão e completa desorganização, a exemplo do recente episódio do sumiço de vacinas contra gripe. Na educação, são constantes os apelos por vagas em creches, mas a prefeitura certamente terá dificuldades para contratar mais profissionais diante dos limites estourados de comprometimento da receita para pagamento de pessoal.

Para uma obra ser realmente completa, é preciso contemplar todo o investimento que será necessário para evitar que o dinheiro público acabe aplicado em estruturas quase obsoletas. Prédios bonitos são importantes, mas podem se transformar em "presentes de grego" para futuros gestores e até para a população se não for contabilizado recurso para mantê-los.



OUTRAS OPINIÕES

Não há vacina contra a insensatez

MARQUINHOS TRAD Deputado estadual - PSD

Ainda não inventaram vacina capaz de evitar a incuria, ou antídoto eficaz contra a insensatez. Quando os vírus de uma e de outra encontram tecido social dilacerado e propício, fundem-se na proliferação do mal que anula a sensibilidade humana e mata a ética, pela exacerbação da arrogância.

Foi nesse organismo político em decomposição que se fermentou essa pérfida doença que "consumiu" milhares - se trinta mil, três mil ou uma única, não vem ao caso - de vacinas contra o vírus da gripe H1N1, que deixaram de ser aplicadas em crianças, idosos, doentes crônicos e demais pessoas do chamado grupo de risco, em Campo Grande.

O simples(?) sumiço de qualquer quantidade de vacinas já seria, por si só, um desastre moral e um escândalo político. Seja pela dimensão humana decorrente do fato de que vacina salva vidas, seja pela ética que impõe à gestão pública o controle absoluto

de um bem social tão relevante e indispensável.

Na Campo Grande de hoje, porém, o sumiço de vacinas ganha contornos cada vez mais nítidos de uma farsa insensata e desumana, diante de denúncias consistentes de que o prefeito Alcides Bernal e um punhado de membros de seu séquito teriam se protegido, indevidamente e criminosamente, com avacina que faltou para os que dela necessitavam, por protocolos médicos que visam preservar os mais vulneráveis ao vírus da H1N1.

A forma pusilânime como o prefeito Alcides Bernal se porta até agora alimenta mais certeza do que dúvidas sobre a gravíssima denúncia de que ele e seus áulicos se autoconcederam o descabido e desumano "direito" de se infiltrarem na população de risco, recebendo em seus gabinetes a vacina que faltou nas unidades de saúde.

À flagrante tibieza com que Bernal "reage" à denúncia -

quando deveria negá-la de forma contundente e comprovada - soma-se o notório descaço com que promete esclarecer o desaparecimento de outras 3,2 mil doses da mesma vacina... Talvez um pouco menos, se descontadas as 35 doses que, segundo a denúncia, teriam entrado no "delivery" que atendeu os privilegiados de sua olímpica entourage.

Como o soturno prefeito de plantão já tentou "justificar" a infinidade de buracos que infelicitem Campo Grande, sacando a patética acusação de que adversários seus trocavam o sono noturno pela inglória tarefa de escavar o asfalto, seu secretário de saúde deu-se ao desplante de acusar o Instituto Butantan, das mais honradas e prestigiadas instituições científicas do Brasil, de, imagine-se, envasar oito em lugar das dez doses que os frascos devem conter.

Se são capazes de insultar o vetusto Instituto Butantan com a acusação de burlar - que outra

coisa seria? - o Ministério da Saúde, tentando assim "justificar" o desaparecimento de milhares de doses da vacina providencial, por que não seriam permissivos e arrogantes o suficiente para se imunizarem "prioritariamente"? Afinal, é plausível supor que se imaginem com 'guias' do povo e, como tal, mais importantes que crianças, idosos, diabéticos, renais crônicos etc.

Só na magnífica ficção de "Ensaio Sobre a Cegueira", de Saramago, encontra-se algum paralelo.

Uma Comissão Parlamentar de Inquérito, na Câmara de Vereadores, tentará desvendado o mistério do sumiço das vacinas e, também, conferir se as "excelências" capitaneadas pelo prefeito Alcides Bernal se incluíram, de forma desumana e cínica, no 'grupo de risco'.

Uma verdade, porém, dispensa o escrutínio de qualquer CPI: a arrogância dos que exercem o poder sem qualquer autocrítica desconhece, com frequência, os limites da sensatez.

E não há vacina contra esse mal.

O hábito de ler e o analfabetismo funcional

DAVIROBALLO Escritor, jornalista, especialista em Comunicação e Marketing / Especialista em Jornalismo Político

Ler sobre um autor é adquirir um repertório de conhecimentos sobre ele. No entanto, não significa ler sua vida plena, muito menos viver ou revivê-la. Mas é obter subsídios para avaliar e melhor interpretar seus pensamentos, o que nos possibilita julgar com imparcialidade e espírito aberto todo o seu trabalho, diminuindo bastante a ansiedade, dúvidas e interrogações que possam surgir.

Aprendi isso quando degustei pela primeira vez aos 15 anos a obra "Assim Falava Zaratustra", de Nietzsche. Quando o li, entendi muita coisa, mas sua astúcia de exímio poeta e forma de escrever através de aforismos deixava-me angustiado, pois minha sede era grande e eu sabia que havia muita água para extrair daquela fonte, no entanto não encontrava meios para tal.

Primeiramente, interpelei uma professora de literatura, que considerei ser capaz de ajudar-me, mas deu-se tudo ao contrário. Quando falei de Nietzsche, ela simplesmente falou-me que não colocaria as mãos na obra do "Anticristo". Mesmo assim, não desisti e meo sem jetto procurei

um professor de História, o qual eu sabia tratar-se de um helenista, era um senhor perto de seus 60 anos, aposentado pela universidade e que ainda se aventurava pelos colégios de ensino médio, pelo prazer de ensinar. Quando o consultei, ele olhou para mim e perguntou-me qual foi minha impressão sobre a obra e se ela não era demasiadamente ácida para minha cabeça.

Ao relatar-lhe o que havia entendido, ele confessou-me que já o havia lido e percebido as colocações que lhe apresentara. Foi então que esse mestre se interessou em ajudar-me e, quinze dias depois, passou-me às mãos uma biografia sobre o autor, dizendo-me que a partir dela podemos com toda certeza desvendar um pouco da alma de um autor e que jamais se deve ler uma obra sem saber algo sobre quem a escreve, pois se faz necessário entender mesmo que parcialmente o seu espírito.

Arte da leitura possibilita-nos transpor barreiras muitas vezes consideradas intransponíveis, como nossos dogmas e superstições. Infelizmente, poucas pessoas dedicam-se a esse passa-

tempo, que, além do prazer, proporciona conhecimento e troca de experiências. Mas ler por ler não basta, torna-se imperioso saber interpretar as mensagens que constam nas entrelinhas de um livro, por isso é importante conhecer o autor e entender de sua filosofia, seu estilo e formação sociocultural.

A leitura possibilita-nos aquisição de um repertório amplo, aspecto necessário na construção de pensamento crítico e independente. Como brasileiros, lemos pouco, o que podemos comprovar pelas "pérolas" do Enem, que circulam pela web. Estamos fazendo parte de uma geração de analfabetos funcionais, ou seja, aqueles que sabem o ler e o escrever básicos, mas não sabem discutir, muito menos interpretar.

Estamos mergulhados na cultura de consumo, onde o status vale muito mais do que a cabeça pensante. Isso parece vir de há muito. Creio que essa inversão tenha começado com os sofistas ainda na época de Sócrates, quando o ensinar e o aprender deixaram de ser um prazer e passaram a ser mercadoria. Essa

ideia encontra respaldo ao que diz Schopenhauer: "Quem vê as inúmeras e variadas instituições destinadas ao ensino e ao aprendizado, além da grande multidão de alunos e mestres, poderá acreditar que para o gênero humano a compreensão e a verdade são de extrema relevância. Todavia também nesse caso as aparências enganam. Os mestres ensinam para ganhar dinheiro e não visam a sabedoria, mas aparecer e receber o crédito de seus semelhantes; e os alunos não estudam para adquirir conhecimento e compreensão, mas para poderem falar e atribuir-se prestígio".

Nestes tempos modernos e conturbados, a saída é o autodidatismo, cujos livros passam a ser nossos maiores mestres e melhores amigos, pois levam até nossas mãos as chaves, que abrem as selas dos grilhões a que somos submetidos desde o nascimento e por falta de leitura de mundo e livros, não vislumbramos... Ler continua sendo uma forma eficiente para enfrentar a vida e seus desafios.

“Servir o povo de nossa terra, informando-o, indagando dos seus problemas, empenhando-se na sua solução, batendo-se por seus direitos e verdadeiros interesses”

Correio do Estado, Ano I, Número 1, 7 de fevereiro de 1954



Serviço de Atendimento ao Leitor **0800-674141** das 6h às 18h

correiodoestado.com.br @correio_estado Correio do Estado

EDITORES RESPONSÁVEIS

CAPIA Milena Crestani e Sílvia Frias

editor@correiodoestado.com.br

DIRIGIDA Milena Crestani e Sílvia Frias

pontodevista@correiodoestado.com.br

ECONOMIA Rosana Siqueira

economia@correiodoestado.com.br

CIDADES Eduardo Miranda

idades@correiodoestado.com.br

POLÍCIA Thiago Gomes

policia@correiodoestado.com.br

NACIONAL/INTERNAcional Cristina Medeiros

brasil@correiodoestado.com.br

POLÍTICA/JUSTIÇA Adilson Trindade

politica@correiodoestado.com.br

CORREIO E Oscar Rocha

correioe@correiodoestado.com.br

ESPORTES Rafael Bueno

esporte@correiodoestado.com.br

CORREIO INFORMÁTICA Cleudson Lima

informatica@correiodoestado.com.br

CORREIO RURAL Maurício Hugo

rural@correiodoestado.com.br

CORREIO VEÍCULOS Cristina Medeiros

veiculos@correiodoestado.com.br

ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E PARQUE GRÁFICO

Av. Calógeras, 356 - CEP 79004-901, Campo Grande, MS.

Fone: 67 3323-6090 Fax: 3323-6059

ASSINATURAS CAMPO GRANDE Fone: 67 3323-6100.

PUBLICIDADE LOCAL - CLASSIFICADOS - R. 26 de Agosto, 284,

Fone: 3320-0023. Av. Calógeras, 356 - Fone: 3323-6090

REPRESENTANTE SÃO PAULO - FTPI | Inteligência em

regionalização

End. Alameda Maracatins, n. 508, CEP 4089001,

São Paulo-SP, Tel: (11) 2178-8700 - www.ftpi.com.br

PREÇOS R\$ 1,30 (venda avulsa)

e R\$ 2 (número atrasado)

ASSINATURAS

R\$ 237 (6 meses) e R\$ 472 (1 ano)

CNPJ 03.119.724/0001-47

INSCRIÇÃO ESTADUAL 28.222.911-6

A Redação não se responsabiliza por artigos

assinados ou de origem definida. Mesmo

quando não publicados, os originais não serão

devolvidos.